GUEDES D'OLIVEIRA

CAUSTICOS

GUEDES D'OLIVEIRA

(TITO LITHO)

CAUSTICOS

Assi escribo en mi loco desvario
Sin ton ni son, y para gusto mio.

ESPRONCEDA.

PORTO
BIBLIOTHECA ROMANTICA PORTUENSE
ALVARIM PIMENTA, EDITOR
394, Rua de Santo Ildefonso, 394

1883

CAUSTICOS

GUEDES D'OLIVEIRA
(*TITO LITHO*)

CAUSTICOS

Assi escribo en mi loco desvario
Sin ton ni son, y para gusto mio.
ESPRONCEDA.

PORTO
BIBLIOTHECA ROMANTICA PORTUENSE
ALVARIM PIMENTA, EDITOR
394, Rua de Santo Ildefonso, 394

1883

PORTO
IMPRENSA FERREIRA DE BRITO
Victoria 166

1883

AO SEU BOM AMIGO

EDUARDO DA COSTA SANTOS

COMO PROVA DE GRATIDÃO,

Off.

O EDITOR.

Meu presadissimo amigo:

Desde que assentei praça na fileira dos editores portuenses, as melhores coisas que tenho feito foram estas: editar o presente livro, que é a estreia de um rapaz de talento cujas producções merecem ser apreciadas por quem ande em busca de pétalas formosas no roseiral emmurchecido da litteratura poetica, e dedical-o ao meu amigo que tem sido protector incansavel de neophitos, n'este baptismo de lettras.

Se isto não basta para justificar a dedicatoria, pedirei então ao meu amigo que a acceite como prova da affectuosa amisade que nos liga ha muitos annos e que tão prodiga tem sido para commigo em dedicação, benevolencia e suavissimas consolações.

São raros hoje os homens que possuem um conjuncto de qualidades tão nobres como as que distinguem o meu amigo.

A sua abnegação ora se reparte em arrojos e temeridades, na occasião do perigo, para salvar vidas e haveres alheios, ora se desdobra em largos beneficios, affectuosos

carinhos e leal dedicação, nas crises dolorosas, para proteger e consolar os amigos.

Eu pertenço ao numero d'estes e quizera poder manifestar de maneira eloquente a subida conta em que tenho, e quanto aprecio, a sua dedicada amisade.

Não posso, porém, fazel-o como desejava. Limito-me, portanto, a dar-lhe uma prova da minha estima e gratidão, dedicando-lhe este livro.

Espero, pois, que me acceite tão modesta dedicatoria e que continue a dispensar o generoso favor da sua valiosa amisade ao seu

amigo sincero,

Alvarim Pimenta.

PAROLA PREAMBULAR

Lerias tuas...

MEUS SENHORES E MINHAS SENHORAS:

Lá vae em prosa o que não coube em verso:

Eu sou um provinciano, habitante da aldeia das Lettras, que se apresenta hoje, sem casaca nem luvas, aos *habitués* do *demi-monde* litterario. Ninguem me apresenta, mas vocencias hão de desculpar-me a ousadia.

Eu bem sei que se tivesse pedido a alguem que me introduzisse, seria melhor recebido. Mas n'esse caso, fazia do meu protector um *guarda costas* que vinha aplacar a sanha virulenta da critica, e entraria nos salões sumptuosos da litteratura, como um veterano da liberdade, não arrimado a um bordão possante, mas acostado á canna d'um foguete, que por ventura cahisse ao pé de mim, em qualquer momento de festejos ás liberdades patrias.

Devo comtudo prevenir, que não pretendo fazer entrada de leão... para me não arriscar a uma sahida pouco airosa. Estou ainda no primeiro degrau da escada pharmacopola e venho apenas registrar os meus *productos*, e

firmal-os nos involucros... para evitar as contrafracções. Não venho tambem demonstrar a efficacia d'esses *productos* com attestados reconhecidos pelos tabelliães da terra: venho apenas dizer que os preparei com substancias *vegetaes* e... livres de mercurio... Não sei, ainda, se o caminho em que me encontro é seguro; falta-me a *bussola* e a carta *geographica*...

Encanta-me, porém, a paysagem, e diante d'ella, fico tão extatico como Chateaubriand ante a vitrine d'um estabelecimento de salchicharia. Vigio a minha bagagem, mas tenho receio de a entregar ao primeiro viajante que encontre, como o philosopho que entregou os filhos queridos a um hospicio de expostos. E sobre tudo, receio que alguem me diga ironicamente do lado: *Este livro vale quanto pésa!*

N'este caso, de resto pouco compromettedor para mim, caberiam comtudo altos prejuizos ao meu editor, porque teria de vender os volumes a pataco o arratel, para em-

brulhos, fóra o contracto de propriedade, escripto em meia folha de papel sellado que, vendida a pêso, não daria o equivalente a uma ponta de cigarro!

E' pois em nome do editor que eu peço de joelhos, mãos erguidas, posição de beata emfim, a maior benevolencia para este livro escripto sobre o joelho, a lapis, mas com todo o vigor do sangue da mocidade.

Guedes d'Oliveira.

A' SNR.ª EUFRAZIA

A ti que em ondas desenhei nos mares...

JOÃO DE DEUS.

Eufrazia:

Tu que és bella e que és serena,
Como as castas madrugadas,
E entras commigo na arena
Das grandes luctas sagradas, (*)

Toma lá que te dou eu...

(*) *Joaquim d'Araujo:* LYRA INTIMA.

PRELUDIO

Ai, grammatica! não chores
Que me entristeces tambem!
Larga o pranto, deixa as dores,
Não me atires ao desdem!

Põe a touca, a touca basta
Porque... ninguem te conhece!
Pobre de ti! Quem te gasta
Só de te ver esmorece!

2

Mas... porque não vens ao banho?
Tens receio de o tomar?
Se o receias, limpa o ranho,
Porque vamos passear...

Recusas? Mas em que corda
Te feri, p'ra me odeares,
Se o delirio em mim trasborda,
Se te ergui uns dez altares?

Já me julgas pervertido
Por te apontar o punhal?
Ora adeus! Isso é sabido
Na... ordem grammatical!

Vou deixar-te! Mais não posso
Aguentar o supplicio!
Rezarei-te um Padre-Nosso
Na tasca do meu officio!

Adeus, amiga! Adeus, Simfronia!
Que brilhe a lagrima aqui!
Ai!... Nem tenho cachimonia
P'ra despedir-me de ti!

Ai!... Adeus! (Como a vigilia
O coração me escanhôa!)
Recommenda-me á familia,
Faz visitas á patrôa!

Minha musa! Fui ingrato!
Deixei-te só! Foi mal feito,
Mas grudei o teu retrato
Nas paredes do meu peito!

Agora sou teu deveras!
Este velho coração
Irromperá em crateras
Todo o fogo da paixão!

Minha musa! Minha musa!
Minha musa! Minha Eufrasia!
Adorar-te quem recusa,
Minha musa, minha amasia! ?

Minha musa! minha méta
Serás minha! Serei teu!
Tu — barata Julietta,
Eu — estafado Romeu!

Tu que fungas meio-grosso
Com simonte misturado;
Tu que dás o teu caroço
Ao padre Couto — coitado;

Tu que sempre me tiraste
Das tavernas, do relaxe;
Que tantas vezes ganhaste
Os *seis e cinco* da praxe,

Terás emfim quem te cante
E quem te faça justiça;
Terás emfim o teu Dante,
Terás emfim um Nabiça!

E de casa e pucarinho
O meu deus, o meu amor,
Verá em ti, coitadinho!
O pharol do trovador!

AROÇOS LYRICOS

Estavas, linda Ignez, posta em socego...

MÃE E FILHO

(A ALVARIM PIMENTA)

A agua murmurava
Pela extensão do rio...

E ella vagueava
A tiritar de frio...

Egoista e carinhosa,
Beijava a creancinha,

— A timida avesinha
D'um ninho côr de rosa, —

N'esse extase sentido,
N'esse extase de mãe...

E perpassava além
O ultimo gemido...

....

Ouviu-o dolorida
E baqueou no chão...

A lua, amortecida,
Apparecia então...

NOCTIVAGUEA

(A DIONISIO F. DOS SANTOS SILVA)

De noite: O aereolytho
Seguia distante
Parecendo afflicto
Como o vagueante.

Vagueei. E errante
Fui como o proscripto
Que busca, ignorante,
Um termo ao infinito.

E vi como a fome
A honra consome
E o crime semeia...

....

—«Meu pae, quero pão!»
Ouviu-se. E eu então
Luzir vi a Ideia...

ESBOÇO

A brisa da madrugada
Bafejava docemente
Quando passava, ridente,
Pela cazinha isolada

Que aquella pobre familia
Construíra entre a folhagem
Da semi-nua ramagem
D'um tronco pobre de tilia.

Mas ás vezes, implacavel,
O vento frio do norte
Parecia cumprir da morte
Um decreto irrevogavel...

....

«Minha mãe, dá-me agasalho!
Por entre as frestas do ninho
Vem cahir devagarinho
Gélidas gotas d'orvalho!

«Vámos d'aqui, minha mãe!
«E' tão aspero este frio!
«A aragem quente do estio
«Está dos montes além...»

—«Partámos, sim! Mas a fome
«Já bateu á nossa porta!
«Embora! Se eu cahir morta
«Recordarás o meu nome!»

E partiu... mas não voltou...
— Resta agora emmurchecida,
Aquella imagem querida
D'um anjo mais que voou...

....

E na manhã do outro dia
O filho via, carpindo,
O sol brilhante surgindo
Por detraz da penedia...

REVELAÇÃO

Caminhando suavemente
Entre a aragem matutina
Como a agua crystallina
Em sua marcha indolente,

Fendendo serena os ares
Como a innocente andorinha
Que tantas vezes definha
Na travessia dos mares,

Ou ás vezes n'um atalho
A volitar, inquieta,
Sorvendo na violeta
A gota branca do orvalho,

Assim te idealisei,
O' minha doce creança!
—E em minha mente descança
A imagem de quem amei!

DESALENTO

Como no cimo d'um monte
Foge uma espiral de fumo,
Ou como um barco sem rumo
Na linha do horisonte,

Assim a vida se esvae...
— Visão banal que apparece,
Esperança que alvorece,
Pantomina que distrae!

Eu nunca conheci manso
O mar ingrato da vida:
Prendeu-me na infancia á lida,
A' morte do meu descanço,

E o meu batel foi incerto:
—Os tripulantes fugiram
E riram-se quando o viram
Sósinho no mar, deserto...

....

Quero chegar ao meu norte!
E, ainda bem! Ninguem me furta
N'esta viagem tão curta
Ao pólo frio da morte!

N'UM ALBUM

Dia a dia, creança! estreito um laço
Ao coração fiel meu companheiro...

Se elle podésse, occulto mensageiro,
Ao de leve cahir no teu regaço,
Iria revelar-te o meu amor,
Devassar os meus intimos arcanos...

E mostrar-te, talvez, na minha dôr
Um poëma cruel de desenganos...

ETERNA POESIA...

Da verdura das campinas
Sahem canções pequeninas,
Fervorosos madrigaes:
— Promessas d'amor infindo
Que ás vezes passam sorrindo
Pelos crespos matagaes...

N'esse paiz de harmonia
E doce melancholia

Encanta a hora da sésta...
—Os passarinhos brincando,
Borboletas volitando
Na folhagem da floresta,

Eis o todo encantador,
O todo consolador!
—No chilrear d'essas aves
Ha tão bellas poesias
Como ha doces melodias
Nos seus canticos suaves...

....

Chega a noite. E os passarinhos
Todos procuram os ninhos
Onde tem de repousar:
—Repouso que só demora
Até que os raios da aurora
Annunciam —*Despertar*...

NO ÁLBUM D'UMA CREANÇA

És ainda uma creança
Cheia de ingenuo sorrir...
Mas que importa? És a esperança
D'uma aurora que ha de vir!

Estuda, pensa e trabalha
Que ámanhã has de luctar:
— E no campo da batalha
Verás a aurora raiar...

DESANIMO

(A ALBERTO BESSA)

Tenho sonhos tão loucos, tão aereos,
Umas visões tão cheias d'incerteza;
Amo tanto a poesia da Tristeza
Revestida de canticos funereos;

É tão poetica, tanto! a belleza
D'aquella solidão dos cemiterios
Onde escondida, em lugubres mysterios,
Incessante trabalha a natureza,

Que anceio, como anceia o usurario!
Um lugar bem distante e solitario,
Um cantinho talvez da sepultura

Em que acaso terei de repousar
—E ahi então, sósinho, derramar
A lagrima final d'esta amargura...

MARGARIDA

(Ao snr. Joaquim d'Araujo)

A estrella d'alva a espaços tremulava
Ao receber a aurora triumphante...
E dolorida olhava o seu amante
Que ainda occulto ao longe suspirava.

O sol tambem pranteia! A luz radiante
O seu mais puro amor escravisava!
— Um Rei que a vontade tinha escrava
E que o amor perdia a cada instante!

Foi n'uma d'estas horas d'amargura
Que eu a vi desfolhda, agonisante,
Tombada sobre a relva verde-escura...

....

Vingança ao vendaval que a desfolhou!
— Margarida tremente e vacillante
Mas a primeira que este peito ornou!

INAPISMOS E TROVAS

Ai! adeus acabaram-se os dias...

A CRENÇA

Não sei aonde existes, ó banal muleta!
Se n'um missal vetusto ou no estafado asceta!
Ou se te agarra ainda, exhausto, o moribundo
Que enruga o labio a rir e diz adeus ao mundo!
— Não sei aonde achar-te austera e triumphante,
Se vives no crescente e estás no mingoante!
Não sei! não sei! não sei!
O mysticismo antigo
Deixou de ser ha muito o teu leal amigo
E, assim, quem te acolheu? As almas dos poetas
Que trajam *pardessus* e vêem... de lunetas?

A pallida Virginia? A loura Grazziella
Que ensina... *astronomia* em cima da janella?
Algum banal sachrista? Algum prior da Lapa
Que ande a latinar sorrisos á socapa?

O' candida illusão! em vão! em vão te anímas!

Poetas vejo ahi, a mendigar as rimas,
De luvas e gravata, ás vezes sem um lenço,
Um pedantismo enorme e... *nicles* de bom senso...
Virginias que procuram fortes argentarios,
Tornando-os, d'avarentos, loucos perdularios,
E passam, vida airada! ao magico fulgor
D'aquelle que lhes pode *esterlinar* o amor!

— E vou 'inda encontrar ó crença syphilitica!
Sachristas e prior's mettidos na... politica!

Mas... ah! não chores, não! Em jubilos te expande!
A Astucia é infinita, a Hypocrisia é grande!
Que quer dizer — Verdade? É bala que não fura!
Tu tens no mundo um papa e no Bomfim um cura...
Tu tens na egreja ainda os sacros realejos,
Beatas a *catar* uns magros percevejos

E ás vezes, por acaso, um *niño* do abbade
Da sachristia á tenda em grande *promenade*...

E embora o Pensamento estrague e phylloxére
O teu prestigio enorme, o cynico Voltaire
Jámais rirá de ti!
                    Se o teu cortejo é longo
E passa facilmente a America e Vallongo!
Se tens ainda em Tuy, Pariz e Mattosinhos
Camandulas triviaes e rezas e bentinhos!...

Portanto ao longe agora o timido receio!
Pozeste á Humanidade o cabeçalho e o freio
E déste luz ao cego e fórmas ao aborto:

—Ousaste converter Littré... depois de morto!

O MEU RETRATO

Não me alcunhes de vaidoso!
Sou modesto, meu leitor!
— Tens o retrato no livro?
São *telhas* do editor,

Que veio dizer-me ha pouco:
— «Você, palavra! é bonito!
«Ponha o retrato na obra
«Que dá vida ao Tito Litho!

«Acredite o que lhe digo,
«Deixe-se cá de *senões!*
«E não me faça perder
«Novecentas edições!»

Caracoles! — bradei logo —
Sim, concedido, meu *home!*
Perpetue a minha *especie*,
Immortalise o meu *nome!*

FRAGILIDADES DO BARRO...

Quando em janeiro, á noite, ao limpido luar,
Por baixo da janella, amor eu te jurava,
A supportar á força um frio de rachar,
— O coração miava...

E quando de fev'reiro as noites invernosas
Tratavam de empurrar-me á agreste ventania,
Eu punha-me a scismar nas noites venturosas,
— E o coração gania...

De março vinha altivo o sol irradiante,
E a sua luz divina então retemperava
A rigidez do inverno, alegre e chammejante,
—E o coração ladrava...

Depois, de abril chegava a candida alvorada,
Que além annunciava, alegre, a cotovia...
E emquanto eu te beijava, ó minha doce amada!
—O coração grunhia...

Em maio, na campina, a trasbordar de flores,
A brisa virginal, piana, acompanhava
As trovas festivaes, os hymnos e os amores,
—E o coração roncava...

De junho nem te fallo! Escamas-te e eu não quero!
—Em jorros o suor da fronte me cahia
Por te ir acompanhar: No fim de tudo... *zero!*
—E o coração mugia!

E até desembro assim, por esta affinação.
Aqui causava pena, o pobre do *bichinho!*
— Tu queres que te diga o que elle *hacia* então?
— Piava, coitadinho!

TRIVIALIDADES

(A UMA ACTRIZ)

Não sei, mulher, que estranhas harmonias
Podessem desviar-me ainda, assim,
Das noites em que tu ao pé de mim
Quasi que tresloucada me sorrias!

Cheguei a detestar o camarim
E da orchestra as manetas symfonias,
A ponto de esquecer as arrelias,
Que condusiram este amor ao fim!

Esqueci o dinheiro que te dei,
As... candidas beijócas que levei,
E aquelle soluçar atraz do panno...

....

Só lembro um dramalhão de sangue e amor,
Em que ergueste o punhal para o *traidor*...
E apunhalaste a Arte... por engano...

TABOLETA

Come-se aqui. Não se acceita
Remuneração alguma...
(Só se pagam as hervilhas:
—E' a tostão cada uma...)

LA MANO NEGRA

—

Rustico labrador que de la azada
no dissimulas la rugosa huella;
artista, que del genio la luz bella
en mármoles y lienzos ves copiada;

Obréro a quien despierta enamorada
la aurora que las sombras atropella....
cual si fuese de pudica doncella
gozo estrechando vuestra mano honrada;

De rosas y jasmines me parece
cuando curtida, porque á Dios le plugo,
negrea en el trabajo e encallece.

Esa de la miseria rompe el yugo:
la que con lodo y sangre se enegrece
no la deve estrechar sinó el verdugo,

Manuel del Palacio.

A MÃO BRANCA

(RESPOSTA AO SONETO DE MANUEL DEL PALACIO)

Polido cortezão que da etiqueta
Não dissimulas o luzente rasto;
Vadio que do ocio o campo vasto
Tens no bordel, na orgia e na roleta;

Libertinos a quem o braço athleta
Do trabalho retalha o banal fasto...
Qual se fosse o pudor mais puro e casto
Forte esmagando a vossa mão infecta,

Que desgraçada e triste me parece
Quando, a tremer, para *Satan* se irrita:
—Innunda-se no embuste e empallidece...

Essa é a que a miseria accende e agita:
A que á fome e ao trabalho desfaléce,
Só deve levantar a dynamita.

Á COMPANHIA DE ZARZUELLA

DE

D. MAXIMINO FERNANDEZ

(Le mot de la fin)

Já distantes d'estes mares
Crystallinos, prateados,
Recordareis os olhares
D'estes ternos namorados...

E eu... verei passar os dias,
N'estes solitarios valles,
Recordando as melodias
D'essa formosa Gonzalez...

Ou qual Echo a quem Narciso
Infatuado abandona,
Hei de lembrar o sorriso
Da desenvolta Carmona...

. . . .

Ai! que de recordações
D'essas *salerosas niñas!*
—Como irão os corações
N'esse bando d'andorinhas!

Que enthusiasmos febrís
Por esse grupo divino,
Por essas rosas gentís
Do *bouquet* do Maximino!

Que de lembranças! oh ceus!
Que suave mysticismo!...

Ai *señoritas!* adeus,
Antes que finde o lyrismo...

NEGOCIO...

(A UMA CORISTA)

Mulher! Por ti queria
Collocação divina!
— Fosse eu Camões, um dia
Serias Catharina!

Enchias, delirante,
Meus canticos febrís...
— Fazias-me o teu Dante,
Fazia-te Beatriz...

Vê lá! Tua alma crê
Nas vibrações da lyra!
— Vá! Faz-me Didier
Que eu faço-te Palmyra!

— Acceita! Vou te erguer
Em rima fugitiva!

. . . .

Toma! — Sou Xavier!
Péga! — Tu chamas-te Iva!

ULTIMA RATIO...

Ai, presada reverenda!
Perdôe-me o sacrilegio,
Perdôe-me a falta horrenda!
Nunca pensei se o collegio
Teria ou não carne á venda!

Perdôe, madre, a arrelia!
Sem *querer*, póde peccar,
Qualquer noite ou qualquer dia...
E eu só quiz conquistar
O coração... de Maria!

E as *irmãs* ao pé da cruz,
Envoltas no mysticismo,
Tambem apagam a luz
Para *erguerem... platonismo*
Ao coração... de Jesus!

Mas... ó madre! que de asneiras
Eu vejo chover além!
Essas mulheres — rameiras
Acaso serão tambem,
Ou irmãs... *hospitaleiras?...*

Anjo Bento! Que peccado!
São irmãs da caridade,
Os anjos d'um Deus amado,
Que levam a honestidade
A todo o mundo sagrado!

E... assim puras e santinhas,
As piedades do crente
Ordenam que essas *alminhas*
Castiguem barbaramente
Essas tenras creancinhas?

Ora adeus! Que bom enredo,
Meu amigo! Boas noites!
— Nem Deus aqui mette o dedo!
Aquelles leves açoites
Só têm um fim: metter medo!

Tem razão! E' repellente
Tão atrevida arrogancia
D'um demagogo demente!
Matae, senhoras, a infancia
Para ter medo sómente!

Mas... madre! que estranho fogo
Vos aqueceu a pujança,
Quando ao ver-vos, sem mais rogo,
A gente da governança
Deu ás de Villa-Diogo?

Banalidade irrisoria!
— Que por quinas ou por ternos
A banca levava á gloria!
Pois não sabe que os governos
Receiam a palmatoria?...

OS MONTEIROPEDES

AMOSTRINHA D'UM POEMA INEDITO DEDICADO A UNS PÉS CONHECIDOS

CANTO PRIMEIRO

I

As botas e os tacões assignalados,
Que, da encerada malta sapateira,
Por beccos nunca d'antes registrados,
Passaram inda além da Pastelleira;
E, em lamas immundas atascados,
Até mais do que podia a sola inteira,
Entre verbos activos descalçaram
As charruas que tanto sublimaram;

II

E tambem as façanhas assombrosas
D'aquelles pés que foram soterrando
O verbo, o artigo, e as regras viciosas
D'Epiphanio e Bento exterminando;
E os que, dando patadas espantosas,
Se vão das leis humanas escapando;
Assobiando irei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o pifre e a Arte.

III

Acabem do Sarmento e do Ribeiro
As grandes descobertas que fizeram;
Cessem de Kagaçal e Sentieiro
As victorias enormes que tiveram,
Que eu canto as grandes patas do Monteiro,
A quem Simões e outros se rendêram ;
Cesse tudo o que a antiga musa grita
Que um Francisco, mais alto, se arrebita.

IV

E vós, Apolinarios! pois erguido
Heis em mim um apostolo... valente
Que sempre, em verso roto e mal medido,
Cantou os vossos pés ardentemente;
Dae-me agora uma nota, um sustenido,
E uma... alavanca enorme, archi-potente,
Porque de vossas naus o Fontes mande
Que o *Pimpão* se não rale... porque é grande!

V

Dáe-me uma voz disforme, e sonorosa,
E não de trompa réles e amassada,
Mas de gaita suave, harmoniosa,
Que os animos aqueça em nota alada;
Dáe-me igual treta aos geitos da espinhosa
Senda vossa, que a lama tem pasmada;
E que ao mundo se diga, em gordo cantico,
Se taes fragatas cabem no Atlantico.

VI

E tu eternidade tão sonhada,
Da monteirice antiga visão bella,
E não menos segura nomeada
D'essas patas com fórma de gamella ;
Tu, ó novo terror da creançada,
Collossal maravilha que flagella,
Dada ao mundo de *gratis* para em grito
Dar o olvido ás pyramides do Egypt ;

VII

E tu, geração nova que os lyceus
Da Parvonia frequentas, mais amada
Que as *nymphas* nos harens pelos judeus,
E—*Canalha*—por todos és chamada,
—Fita-o bem nas *grammaires* (brada aos céus!)
Que, uma ponta chupando e uma pitada
Sorvendo, vos amostra que inda espera
O osso que o lyceu lhe promettera.

VIII

E vós, ó Rei Guilherme! cujo imperio
As Paredes conhecem tão de perto,
Conhece-o assim tambem o ministerio,
Quando sóbe ao poder por vosso acerto;
Vós que esperamos livre e sem mysterio
D'accusações d'algum banal esperto
Do jornalismo, mestre na eleição,
Que inda *beba do fino* no Reimão,

IX

Erguei um pouco mais o justo orgulho
Que n'esse gordo abdomen eu alvejo;
Que já se vê, qual é no grosso entulho,
Quando tocando andaes no realejo.
E d'essa má charanga o mau barulho
Botae fóra e vereis novo manejo,
De amor a um osso vosso, encantador,
Em livros divulgado com ardor.

X

Vereis o *Febras d'Alma*, não movido
De nome vão, mas alto, até immortal;
Que não é nome vão esse appelido
Já preso por um *prégo* ao pedestal;
E o nome, vós jámais vereis no olvido,
Do *Colher's*, de quem sois senhor feudal;
E julgareis depois qual é melhor
—Se lingua com *subsidios* ou... *calôr !*

....

SIMILIA CUM SIMILIBUS...

Embebido, mulher, no teu pudor,
Na tua ingenuidade peregrina,
Scismei na pudicicia archi-divina,
Que te incendia em chammas de rubôr...

Era o perfume d'essa branca flôr,
Que se alava na aragem matutina,
Era o perfume da agua crystallina
Das fontes ideaes do meu amor...

Lembranças d'uma noite que passou!
Um beijo ardente, um beijo só bastou,
Para que tu córasses de vergonha...

Ai! coisas que eu não posso revelar!
Que me farão scismar a bom scismar
Em quem viria dar-te tanta *rônha!*...

PORTUGAL

Disseram Portugal, que houveste porte
E que lições ao mundo tu já deste,
Não sei se por saberem que tiveste
«Albuquerque terrivel, Castro Forte».

Se assim foi, desconheço o vento Leste,
Derribador da rabida cohorte,
Que te fez affrontar perigo e morte
E te legou a gloria que te veste.

Agora photographas Pedro-Sem,
O avarento que «teve e já não tem»,
E estás entregue ao rol da roupa-suja,

Como um trapo nos antros mais escuros...
Ignoro se por teres *intra-muros*
O pinhal pavoroso da Azambuja...

A' JOANNA

Ai, mulher! se tu soubesses
Como eu trago o coração!
Se visses como a paixão
Me obrigou a fazer preces,

Sabias se sim ou não
O coração me entristeces;
Verias que desconheces
D'este amor o furacão!

— Saberias quanto custa
Agarrar no que se *ajusta*
E *botal-o*, emfim, a um canto,

Quando visses nos meus olhos,
Maiores que dous repolhos,
Um Niagara de pranto!

NO TRIBUNAL

O' João, que estatua é aquella
Que está co'os olhos tapados,
Adiante da janella
E quasi ao pé dos jurados?

—*E' a justiça, quem o nega?!*

Justiça! D'olhos vendados?!

Não que joga a cabra-cega
Com o juiz e os jurados!

RAZÃO SUPREMA

(O PROFESSOR)

A sociedade :

Ui! Jesus! Que repellente,
Que cara de mosca-morta!
E permitte-lhe esta gente
Que bata de porta em porta!
—Sim, a policia... afinal,
Deixa mendigar *aquillo*,
Sem lhe dar um hospital
Ou, ao menos, um asylo!

A razão:

Se heis-de vêl-o vir da escola,
Cheio de fome e de idade,
Encarecer uma esmola
A' já gasta caridade,

Ordenai-lhe, meus senhores,
Que vá tratar d'outro officio!

A sociedade:

Ora adeus! Os professores
Pedem esmola... por vicio!

LYRISMO... COM MUSICA

I

Quando me viste, mulher,
Pozéste-te em retirada:
    — Tóma limão verde,
E ó da fresca limonada!

II

Por causa d'aquella *conta*
Que me pediste emprestada:
    — Tóma limão verde,
E ó da fresca limonada!

III

Figuráste á minha custa
Mas agora és *depennada:*
— Tóma limão verde,
E ó da fresca limonada!

IV

Já nem as casas de prégo
Te permittem lá entrada:
— Tóma limão verde,
E ó da fresca limonada!

V

Eu deixei-me das orgias
E da vida desregrada:
— Tóma limão verde,
E ó da fresca limonada!

VI

Ficas pois a torcer linhas,
No que toca a vida airada:
— Ai! tóma limão verde,
E ó da fresca limonada!

A VISCONDESSINHA

(A ALFREDO MAYA)

Subia á scena a *Mascotte*,
N'aquella noute saudosa.
E ella, então, n'um camarote,
Chic, *pschutt*, formosa,

Parecia-me n'um lote
D'uma loja luxuosa,
Como um enfeite, uma rosa,
De tentadora *cocotte*...

Ai!... Cheguei á embriaguez,
Por causa da pallidez
D'aquelle rosto... *feroz!*

Mas depois vi,—que milagres!—
Que nem na corveta *Sagres*,
Lhe cabia o pó d'arroz!...

CONSIDERAÇÕES... ANTHROPOLOGICAS

(A ACACIO DO AMARAL)

Ha muito que o darwinismo
Me deu séria volta ao *caco;*
E só n'esta coisa scismo:
—Se meu avô foi macaco...

E o mais estranho e mais fresco
E' que tudo me... *adarwina!*
—A não ser o parentesco
Com a familia canina,

Em que não vejo sciencia
Nem um cunho de rasão,
Pois temos certa tendencia
Para *pregarmos o cão*...

Portanto, o *mastro* que agarro
E a que não corto as amarras,
E' — que nascemos do barro,
Visto que somos... uns *barras!*

A MOSCA

(A ANTONIO CRUZ)

Estava o padre em descanço,
Um gordo padre feliz,
E ella então veio, de manso,
Assignalar-lhe o nariz.

Ergue-se o padre com furia,
Coça a penca enxovalhada,
E protesta-lhe que a injuria
Seria em breve vingada.

A mosca ri-se, a voar,
E diz ao padre : — *Recorde*
Que eu mesma lhe ouvi rosnar
Que cão que ladra não morde...

O padre então, qual foguete,
Levanta-se ébrio de s nha
E lança mão d'um cacete.
— Era o caso da montanha... —

A mosca vendo-o correr
Diz-lhe de longe, brejeira:
Já que não tens que fazer,
Caça-me... d'outra maneira...

O padre recebe o *cheque*,
Vendo uma ideia a luzir...

Põe *mata-moscas* no *béque*
E continua a dormir!

O GEOGRAPHO

(AO EX.^{mo} SNR. BERNARDO GONÇALVES)

Um pouco pretencioso
Mas amigo da Sciencia,
Embora a maledicencia
Veja só n'elle um vaidoso.

Vi-o um dia pesaroso,
Quasi pedindo clemencia,
Por não dar a conferencia,
De que estava desejoso...

O que era a falta de practica
Para os novos conferentes!
— E consultava a *pragmatica*

A murmurar entre dentes:
— «E' o diabo! Nem grammatica,
«Nem ilhas adjacentes!...»

AMOR FATAL

Amei-te como á aurora
Que meiga nos avisa;
Amei-te como á brisa
Alegre e sonhadora.

E tu sempre indecisa,
O' diva encantadora!
O' venus seductora,
O' anjo sem camisa!

Ao veres a paixão
Ferir-me o coração,
E dar-lhe o soffrimento!...

... .

Agora ando a penar,
Sem ter, para o curar,
Um floco de unguento!

OS CAMINHOS DE FERRO

(PALESTRA)

Ai, compadre! mais não posso
Supportar os solavancos!
Parece que este wagon
Anda a pé e... de tamancos!

Depois... n'este caminhar,
Custa cara a romaria!
Andámos só dous kilometros
E já gastámos um dia!

— Que quer você que lhe faça?
Agora rio-me eu d'essa!
Eu bem lhe disse que os bois
Caminhavam mais depressa!

....
....

Entre nós sempre assim foi
A coisa do maquinismo!
— As nossas locomotoras
Padecem. . do rheumatismo!

SONETO PHILOSOPHICO

Eu Entro nas Paragens do Invisivel
Sem Arrombar as Portas do Insondavel,
E Sem Furar Sequer o Intranzitavel
Eu Entro na *Madeira do Impossivel.*

Conheço Muito Bem o Impagavel
Porque Sei Derrubar o Indestructivel ;
Para Mim as Tavernas do Insensivel
Existem nas Florestas do Infuravel.

Não Tem Razão de Ser o Falso Ignobil
Porque Existe a Par d'Elle o Vero Immobil
Que Não Deixa Tambem de Ser Amavel.

E no Infinito Inhospito do Incrivel,
Aborreço, Detesto, o Incomivel,
Porque Tenho Amizade ao Cosinhavel !

TEMPERAMENTO E... TEMPERATURA

(A SEBASTIÃO SANHUDO)

O fogo da minha amada
Era tão grande e tão forte,
Que em apagal-o, coitada!
Perdia-se o polo norte!

Se as pyramides do Egypto,
Dizia,—fossem sorvetes,
Seriam só lamberetes
Para este fogo infinito,

Que me abrasa e me devora!
Seriam flocos de neve!
—Seriam sombras, de leve,
Fugindo ao brilho da aurora!

E ao vel-a fula de raiva,
Eu dizia-lhe: No Immenso
Ha grandes mundos, que eu penso
Que sejam grãos de saraiva,

Que tu possas engulir,
Como pilulas d'Ayer,
Ou um confeito qualquer
Que se engula mesmo a rir.

....

Ai! como ella, satisfeita,
Me fez parvo, me fez tonto!
E elogiando a receita,
Pol-a em pratica n'um prompto!

Acceitou a petisqueira,
O' pranto que me demolhas!
E enguliu a lua inteira,
Sem pedir um saca-rolhas!...

MEMORIAS D'UM SACHRISTA

(AO REVERENDISSIMO COUTO)

N'uma noute, em romaria
A' casa da minha amante,
Vi o sol, irradiante,
Como as... estrellas de dia...

Era das noites calmosas,
Repletas d'um bem ignoto,
Em que dos canos d'esgoto
Sahem perfumes de rosas...

A minha amante era a lua.
O sol pedia-lhe um beijo
Em troca d'esse bafejo
Que elle lhe impelle e recua.

Amante infiel! — murmurei,—
Has de parar na *revista*,
Embora eu seja sachrista
E tu amante d'um rei!

O punhal com que me espetas
Ha de ferir-te tambem!
E o sol, o teu doce bem,
Será corrido a... *galhetas*!

E um dia, pela manhã,
Quando mal o sol surgia,
Metti-o na sachristia,
E junto da barregã.

Paramentei-me, casei-os,
E fallei-lhes com ternura;
Dei-lhes do vinho do cura,
Doces, pasteis e recheios.

Por fim no orgão toquei
Mazurkas, polkas e valsas.
O sol cahia das calças,
A lua, meu Deus! nem sei!...

Ao terminar a mazurka,
Vejo que o vinho os treslouca...
A lua poz-se de... *touca*,
O sol armou-se de *turca!*

Eu então, todo caricia,
Como nos tempos d'amante,
Peguei na lua, bacchante,
E fui leval-a á policia...

Ao voltar, o sol, coitado!
A dedilhar n'um violão,
Assassinava a paixão
Com cantarolas do fado!

. . . .

Quando elle hoje altivo, inclyto,
Nos dá noite ás serenatas,
Vae sorrir ás suas gatas
Nas trapeiras do infinito.

E quando ás nuvens auxilio
Implora ao longe, cançado,
E' porque vem, tresmontado,
Das delicias d'um idyllio.

E quando a lua, o monoculo
Dos janotas da cidade,
Pede ao sol a claridade,
Vê-a sempre... por um oculo...

Se eu, ás vezes, me distraio
Em *arreganhar-lhe* a taxa,
Ella passa, cabisbaixa,
Mas olha-me de soslaio.

E eu então, como um fadista,
Ao vêr aquella mudança,
Pergunto-lhe se a vingança
Seria ou não de sachrista!

CONCERTANTE FINAL

(SUSTENIDOS E BEMÓES)

Estes versos aleijados,
Leitor, eu sei que te enfadam.
Paciencia! Mal rimados,
Mas uns versos que me agradam.

Sem medida nem bitóla,
Mesmo cheios d'aleijões
Não permittidos na escola,
São versos de trez tostões...

Mas. .. não terei quem me leia
E quem não diga por fim:
Em toda a Pharmacopêa
Não ha causticos assim...?

Não terei um argentario
Ou mesmo um frade na cella
Que não brade: — *O boticario*
Serve bem a clientella...?

Não me desanime a ideia!
— Ferir os melros na aza
Com productos de mão cheia
E... da formula da casa,

Não quer dizer aos clientes
Que os causticos são asneiras!
E que eu receite aos doentes
Umas tisanas caseiras!

E depois que sacrificio
A rimalhada me deu!
—Se não trato d'outro officio,
O causticado sou eu!

Comtudo, embora irrisoria
Pareça a minha anciedade,
Busco as muletas da Gloria
Nos hospitaes da Vaidade!

Portanto, meu rapaz! Ao largo o susto!
Has de ser alistado, inda que a custo,
Na guarda litteraria!

Pois tens padrinhos fortes do teu lado,
Que não podem deixar-te reprovado,
Em instrucção primaria!

INDICE

CAROÇOS LYRICOS

SINAPISMOS E TROVAS

ERRATAS

Escaparam algumas, como: *Rezarei-te,* em vez de *Rezar-te-hei,* a pag. 18; *Adeus amiga, adeus, Sinfronia*, em vez de: *Adeus amiga Sinfronia,* a pag. 19, etc. Mas no mundo só o papa é infallivel, por isso... desculpem, sim?

A pag. 27 vem um sonetilho intitulado *Noctivaguea*, palavra derivada do grego, do latim, do hebraico, sanskrito, etc., etc., que significa: *Deus te salve!—Ora viva, passe por lá muito bem!*—ou qualquer cousa n'este sentido.

Aviso aos meticulosos...

Preço, 300 Reis